



Josiel Machado Santos

**Resumo:** Ação cultural é um termo com muitos significados diferentes, que vai desde posse, domínio ou poder individual sobre determinados objetos, obras ou manufaturas, até conceitos e sentidos representativos de práticas sociais ou visões de mundo. A ação cultural pressupõe a noção de cultura como processo contínuo. Este estudo objetiva fazer a distinção conceitual entre animação e ação cultural, enfocando o bibliotecário como agente cultural e seu preparo para o desempenho da função, analisando alguns obstáculos inerentes a esse exercício, como a formação acadêmica e a falta de vivência cultural. Objetiva ainda apresentar considerações acerca da ação cultural enquanto trabalho dinâmico, seu alcance e resultados. Para o desenvolvimento do estudo a metodologia utilizada foi uma pesquisa básica, com abordagem qualitativa-indutiva, objetivamente exploratória a partir de uma pesquisa bibliográfica. Conclui-se que, apesar dos desafios e deficiências acadêmicas, o bibliotecário tem plena capacidade de se tornar um agente transformador na sua atuação em bibliotecas públicas.

**Palavras-Chave:** Ação cultural. Biblioteca pública. Bibliotecário.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de ação cultural é a criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos da cultura e não seus objetos. Através do lúdico e do imaginário, a biblioteca pública deverá exercer uma participação mais efetiva em eventos e projetos voltados ao resgate cultural, promovendo ações que visem à mediação da informação no processo político-educativo, no qual seu público e, principalmente o não público, passem de meros receptores a produtores de cultura, participando da discussão sobre essas questões. Conforme aponta Flusser (1983), a biblioteca passaria de uma depositária de acervo cultural para um núcleo cultural vivo, passando a oferecer cultura através de uma dinâmica de ações culturais efetiva.

Dessa maneira, a biblioteca romperia com seus paradigmas tradicionais, deixando de ser apenas um suporte ou uma extensão da comunidade caracterizada pelo



## Artigos

excesso de burocracia, pelo zelo por seu acervo ou por seu espaço físico e pelo tecnicismo exagerado de seus profissionais para se tornar um espaço prazeroso, atraente, dinâmico, de livre acesso à leitura e ao conhecimento, voltado principalmente para a produção cultural.

Segundo estudos atuais, as bibliotecas são as instituições de cultura mais presentes nos municípios brasileiros. Elas estão mais presentes que museus, cinemas, teatros e arquivos públicos. Por isso, apesar da precariedade de algumas bibliotecas, estas possuem potencial para contribuir com a democratização da cultura no país.

Estas unidades de informação são locais de cultura devido ao seu acervo, uma vez que este contém não apenas livros com informações culturais, como língua, culinária, leis, vestuário, costumes, mas também contém CDs, DVDs, discos, fitas VHS, obras raras, pinturas, documentos históricos, documentos digitais entre outros materiais. O acervo da biblioteca é um rico material cultural.

A biblioteca é também um local de cultura, principalmente, por causa dos usuários. A unidade de informação direciona as suas atividades a esses usuários. Eles não apenas frequentam a biblioteca, como também auxiliam com sugestões, participam como agentes culturais com apresentações ou como membros de clubes de leitura. Além disso, a biblioteca também possui uma equipe. Estes profissionais conhecem o potencial do acervo e os usuários das bibliotecas. Logo, podem tornar-se agentes culturais.

A ação cultural nesses locais faz-se possível pelos recursos anteriormente apresentados e porque a biblioteca não pode simplesmente apresentar bens culturais. É necessário oferecer informação e promover uma discussão e reflexão sobre a cultura e a história brasileira. Sendo assim, porque os bibliotecários efetivamente não assumem a postura de agentes transformadores?

O objetivo desse estudo é verificar como o bibliotecário pode ser um agente transformador enquanto agente cultural e expor a sua dificuldade de envolvimento nessa tarefa, seja por desconhecimento ou falta de interesse. Além disso, objetiva ainda conceituar o termo cultura e ação cultural, bem como fazer uma reflexão da ação cultural no dia a dia das bibliotecas públicas.

O estudo iniciou-se com um levantamento bibliográfico referente à temática com os mais diversos autores que tratam em suas publicações sobre o tema “ação cultural”,



como Freire (1982), Coelho Neto (1988), Milanesi (2003), dentre outros. Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados para a construção do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pois conforme cita Gil (2010), esse tipo de pesquisa oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas ainda apresentam abordagens diversas ou inconformidades. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Cervo e Bervian (2002, p. 65) afirmam que ela “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental”.

## 2 CULTURA E BIBLIOTECA PÚBLICA

Existem várias definições para o termo cultura. Uma delas, bastante simplificada é a do antropólogo inglês Edward Burnett Tylor no qual ele diz que a cultura é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (LARAIA, 2005).

Cultura também pode ser entendida como tudo que é produzido pelo homem, às influências que este recebe desta por meio dos agentes culturais e das ações sociais e políticas junto a outros indivíduos ou grupos. A cultura não é algo estanque, mas dinâmico e que se renova por meio da expressão das pessoas e dos grupos sociais espalhados por diversos locais onde se possa produzir algo próprio do homem, seja na cidade ou em uma tribo no interior do Amazonas, em ambos os locais há sempre cultura sendo manifestada. Da mesma forma, várias são ações do homem espalhadas por diversos pontos de cultura. Flusser (1983, p. 148-149) considera cultura como

[...] sendo o conjunto de objetos, obras, coisas feitas pelo homem, ou então como sendo a sua visão de mundo de suas práticas sociais ou individuais”. Este autor informa que a cultura inclui igualmente “[...] as tradições e experiências de lutas políticas e sociais, transmitidas por aqueles que nos precederam.

Outro conceito de cultura, de acordo com Aragão (1988), já dentro da antropologia, consiste no total de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Portanto, correspondem, neste último sentido, às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comuns, apresentam-se como a identidade desses povos. A cultura é também um mecanismo cumulativo, na medida em que são incluídas as modificações trazidas por uma geração e em que são passadas à geração seguinte, de modo que a cultura se transforma, perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência e reduzindo o esforço das novas gerações. O uso de abstração é uma característica do que é cultura: os elementos culturais só existem na mente das pessoas, em seus símbolos, tais como padrões artísticos e mitos.

As diferentes conceituações de cultura implicam em diferentes maneiras de analisar o contato com a cultura ou herança cultural, vista como a relação do homem com o seu meio e com os outros homens. Para Santos (2005), a cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, em todos os aspectos da dinâmica social não sendo legítimo se considerar, portanto, que a cultura exista em alguns contextos e não em outros. O que ocorre é a diversidade cultural em diferentes espaços geográficos e temporais.

As várias maneiras de entender o que é cultura derivam de um conjunto comum de preocupações que podem ser entendidas em duas concepções. Primeiro: cultura caracteriza-se pela existência social de um povo ou nação com realidades sociais diferentes como já referidos por Flusser (1991). Segundo: cultura refere-se ao conhecimento, as ideias, as crenças, neste caso “cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social” (SANTOS, 2005, p. 25).

Feitosa (1998) investiga o que é cultura e não-cultura nas bibliotecas públicas, referindo-se que as bibliotecas ao classificar o seu público, marcam fronteiras e limitam os espaços. Assim as culturas oferecidas pelas bibliotecas passam a ser esferas delimitadas. Vistas pelos ângulos das bibliotecas, cultura é tudo o que se relaciona com suas convenções, e não-cultura é tudo o que estiver fora desse espaço.



Dessa forma, o espaço cultural da biblioteca necessita ter o seu espaço extracultural para ser confirmado como cultura, o que define o que é cultura é o que se pode ver como a não-cultura. Feitosa (1998) explica ainda que o universo exterior da biblioteca pode ser considerado por ela como não-cultura, assim os não alfabetizados reforçam a condição da biblioteca como espaço de saber e erudição, ficando eles fora do processo de aprendizado que a biblioteca pode oferecer.

Para Cunha (2002), a biblioteca pública tem o papel de ser a instituição capaz de contribuir para o contato e o cultivo de valores humanos, estimulando à convivência com outras culturas, levando ao conhecimento das raízes culturais, e o desenvolvimento de culturas locais. Já Alves et al. (2005) afirmam que a biblioteca pública é também um centro cultural da comunidade, proporcionando reuniões de pessoas com os mesmos interesses e, para isso, ela deverá dispor de espaço e material necessários para a realização dos eventos.

Milanesi (2003) afirma categoricamente que não há produção cultural sem informação. Não é possível produzir um texto de literatura de cordel se o autor não conhece a origem, a temática, a métrica, a linguagem, a forma textual desse tipo de texto. O mesmo se aplica à música, às artes visuais, à culinária. O conhecimento prévio da produção cultural é essencial para a produção de novas manifestações culturais. Para o referido autor “A informação é o fio e a Cultura, o tecido. A coletividade tece” (MILANESI, 2003, p. 127).

As práticas culturais de um povo podem estar registradas em livros, em filmes, em discos ou outros tipos de suportes. Silveira (2007) relata que o homem sentiu necessidade de registrar as informações sobre as práticas culturais com a intenção de preservá-las. As bibliotecas, os museus e os arquivos surgiram da necessidade de preservar e reunir os registros em um determinado lugar. Portanto, a biblioteca tem a função de memória e, assim sendo, servirá como a memória coletiva das experiências existenciais, culturais e científicas, quer seja do indivíduo, quer seja do coletivo.

Por meios dos registros, a biblioteca proporciona um encontro com o passado e possibilita a produção de novos bens culturais. A biblioteca “é um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fomento dos



saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira” (JACOB, 2006, p. 9).

A cultura de uma sociedade pode ser percebida na biblioteca não apenas pelo conteúdo dos registros, mas também pela arquitetura da biblioteca, pela seleção de materiais e pelo sistema de classificação do acervo (JACOB, 2006).

A seleção do acervo evidencia as obras que não foram selecionadas. Cada cultura decide o que será passado aos seus descendentes. Não é possível guardar todas as obras na biblioteca, e o bibliotecário precisa selecionar o que será adquirido. Este profissional está inserido em uma cultura, logo é influenciado por ela. “Toda biblioteca ao mesmo tempo acolhe e rejeita. Toda biblioteca é, por definição, fruto de uma escolha, e de âmbito necessariamente limitado. E cada escolha exclui uma outra opção descartada” (MANGUEL, 2006, p. 96).

### 3 AÇÃO CULTURAL: CONCEITOS E OBJETIVOS

O Brasil é um dos países que menos investe em cultura. A população brasileira raramente tem acesso às condições mínimas como saúde, trabalho, educação e, muito menos, em cultura.

Ação cultural é um termo com muitos significados diferentes, que vai desde posse, domínio ou poder individual sobre determinados objetos, obras ou manufaturas, até conceitos e sentidos representativos de práticas sociais ou visões de mundo (FLUSSER, 1983; COELHO NETO, 1988).

Importante dizer que os termos “animação cultural” e “ação cultural” circulam no meio bibliotecário até a exaustão, e antes de qualquer outra consideração, é necessário distingui-los, não apenas por questões técnicas, mas porque implicam em conceitos e práticas diferentes.

Animação cultural remete à ideia de implementação de atividades e eventos para atrair o público e chamar-lhe a atenção para a biblioteca. Pode funcionar como um “marketing”, cujo objetivo é fazer com que o livro “desencalhe” da prateleira. Outra



função seria a de “arejar” a biblioteca, abrir portas e janelas e conferir-lhe um ar mais gracioso, deixando que as vozes circulem naquele espaço de silêncio secular.

Nesta perspectiva, o bibliotecário (como um animador cultural) seria um programador de atividades – exposições, cursos, “shows” – um administrador de cultura, o que em si não é negativo, porém esta prática não se caracteriza como sendo ação cultural.

A ação cultural, na maioria das vezes, inclui uma animação cultural, até como veículo de divulgação. Mas a ação cultural não se limita a mostrar os bens culturais, ela possibilita a participação das pessoas na produção destes bens, facilitando a aglomeração de indivíduos e grupos que se apropriam dos espaços e equipamentos da biblioteca. Assim, o que ela faz é tentar criar oportunidades para que o mero usuário, o espectador, possa também elaborar sua produção.

Está claro que ação cultural não significa nem o espontaneísmo, o *laissez-faire*, e nem o dirigismo, que tem a pretensão de dar à coletividade a cultura que se imagina que ela necessita. No primeiro caso deixa-se que as leis do mercado regulem o fazer cultural de forma bastante “democrática”, já que se pressupõem oportunidades iguais; no segundo, os mecanismos externos – não raro paternalistas – visam “dar consciência aos alienados”.

Analisando os mais diferentes conceitos de ação cultural, Aragão (1988) aponta que a ação cultural na visão de Paulo Freire é um processo de afirmação do homem como ser consciente de sua realidade, mas adverte que a ação cultural estará voltada para a libertação, fundamentada no diálogo. A ação cultural conceituada por Paulo Freire, segundo a autora, é constituída de quatro ações básicas: o diálogo, a conscientização, a atividade educativa e a libertação. O homem se transforma e evolui a partir dessas ações.

A ação cultural dialógica proposta por Freire (1982) é a de fazer dos indivíduos parte de sua realidade, e isso não pode ser imposto pela cultura das classes dominantes. Para o autor, o indivíduo não pode ter uma visão do mundo se esta não for comparada com a visão do mundo de outra pessoa. A veracidade do ponto de vista depende do olhar do outro, o outro sempre está presente na busca pela verdade (GADOTTI, 2001). A ação dialógica não é paternalista, assistencialista nem manipuladora. A ação dialógica



liberta o indivíduo através do diálogo, da criatividade, rompendo com a cultura do silêncio imposta pelas classes dominantes, pois a ação dialógica faz com que todos possam refletir sobre os acontecimentos de sua realidade.

A conscientização faz com que o sujeito reflita sobre si mesmo e sobre suas relações com o mundo. Somente seres que podem refletir sobre a sua própria limitação são capazes de libertar-se. Freire (1982) afirma que a conscientização alcança o seu mais alto nível quando se dá a prática da transformação libertadora, a comunhão com as massas populares.

O método pedagógico iniciado por Freire para a educação de adultos não alfabetizados (com isso, afastados das bibliotecas públicas), constitui-se da interdisciplinaridade como forma de inclusão. No “Método Paulo Freire” aluno e professor, usuário e comunidade, buscam a descoberta do universo vocabular do aluno, em que são levantados os temas relacionados com a vida cotidiana do alfabetizado, tomando assim consciência do mundo vivido, com isso se descobrem outros temas relacionados com os que foram inicialmente levantados. A problematização surge para resolver os temas levantados, buscando superar uma visão mágica por uma visão crítica com o objetivo final da conscientização. (GADOTTI, 2001).

O pensamento e a prática defendidos e aplicados por Paulo Freire na educação são por ele indicados como modelo para a ação cultural, por ser essa uma atividade em que o público se torna também ator da prática. A biblioteca que produz ação cultural dialógica e libertadora como na prática de Freire faz o usuário interagir com a atividade e ter uma reflexão sobre o tema apresentado. A partir do diálogo é que o indivíduo vai tomar conhecimento da sua realidade. A ação cultural deve apresentar ao seu público todas as informações sobre o assunto abordado por ela, para que os atores possam a partir daí dialogar e cada um ter suas próprias conclusões sobre o tema apresentado em diversos suportes, por isso se diz que a ação cultural tem início determinado, mas não tem fim previsto, pois cada um sai da atividade com um pensamento final.

Ação cultural não é uma atividade possível de ser desenvolvida se a biblioteca não possuir um acervo onde determinadas informações estejam disponíveis. Para cada atividade cultural é necessário que todos os registros sobre o tema da ação sejam conhecidos. Como ação cultural e criatividade são elementos que se integram, é



requisito básico conhecer o que já foi criado numa tentativa de encurtar o caminho entre o já visto e o novo (MILANESI, 2003).

A realização da ação pode ser além do espaço da biblioteca. Com o objetivo de ir ao encontro de usuários potenciais e de divulgar a biblioteca como espaço de cultura, o bibliotecário pode desenvolver uma ação cultural em locais acessíveis a toda a comunidade (ALMEIDA, 1987).

#### **4 O BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE TRANSFORMADOR: UMA REALIDADE POSSÍVEL**

Qual seria o papel do bibliotecário no contexto da ação cultural? O elemento que trabalha a cultura como processo, que se caracteriza como sendo o aglutinador de interesses e desejos é o agente cultural. Porém, de acordo com Almeida (1987), não existe a profissão de agente cultural. Esta função está relacionada a habilidades de diversas áreas.

É relevante destacar que a biblioteca pública é a instituição cultural que existe em maior número no Brasil, embora ela não tenha tomado para si a função de agência cultural. Apesar disto, e mesmo antes de toda a discussão sobre ação cultural, o bibliotecário de uma biblioteca pública sempre esteve numa posição que lhe favorecia ser agente cultural, ainda que ele não tenha assumido este papel. Esta vantagem é observada por Coelho Neto (1988, p. 113), que acrescenta: “Cabe ao bibliotecário exercer a ação cultural – senão por natureza, pelo menos por circunstância.” Contudo, o posto de bibliotecário de biblioteca pública é uma vantagem que por si só não resolve a questão. Cabe verificar o preparo do profissional para enfrentar o exercício da ação cultural. Estaria ele pronto para isto?

Pode-se afirmar que enquanto preparo acadêmico ou formação profissional, ainda não. A ação cultural não admite receitas – o aprendizado dá-se principalmente pela prática – o que de forma alguma exclui ou invalida a necessidade de uma base teórica nos cursos de graduação, uma especialização em nível de pós-graduação, e o acompanhamento da prática através de reflexões sistemáticas. Não vem ao caso



alimentar a dicotomia teoria *versus* prática, antes, é preciso que o bibliotecário faça seu trânsito nestas duas instâncias, construindo as pontes que atravessará.

A eclosão de debates e o exercício da ação cultural têm sido muito positivos no sentido de mostrar ao bibliotecário seu isolamento e despreparo para o relacionamento com o público e com todas as questões complexas que a prática traz à tona. A dessacralização do espaço da biblioteca vem exigindo a superação da “postura de repartição pública”, e tem mostrado a necessidade de uma formação acadêmica voltada para a ação cultural e quando isto não é possível, até de uma autoformação do bibliotecário para esta vertente.

O bibliotecário deve associar os conhecimentos da área de biblioteconomia aos conhecimentos de cultura e organizar como as informações culturais poderão ser apresentadas e discutidas pelos usuários. O profissional da informação precisa “ser proativo, lidar com imprevistos, ter criatividade, cultura geral, sensibilidade, trabalhar com profissionais de outras áreas, buscarem parceiros, ter uma equipe envolvida e altamente comprometida” (OLIVEIRA, 2010, p. 125).

Flusser (1983) nomeia o bibliotecário responsável pela promoção de cultura de “bibliotecário-animador”. O autor considera desnecessária a criação de uma disciplina voltada para a animação cultural. O autor sugere uma reformulação do curso de graduação em biblioteconomia. Segundo ele, o bibliotecário deve possuir a formação técnica, humanística e prática. A formação técnica refere-se às disciplinas específicas da biblioteconomia de processamento técnico. A formação humanística visa que o bibliotecário conheça o conceito de cultura, a importância do acesso à cultura a todos os segmentos da sociedade e a biblioteca como local de memória. A formação prática visa relacionar os conhecimentos específicos e humanísticos com a realidade da biblioteca. O autor finaliza o artigo afirmando que o bibliotecário não precisa reinventar sua atuação profissional, mas absorver a função de disseminar cultura.

Oliveira (2010) ressalta o despreparo do bibliotecário para lidar com ações culturais. Devido à formação acadêmica direcionada ao processamento técnico, em geral, o profissional da informação não sabe organizar ações culturais. Já Cabral (1999) aponta que os bibliotecários se sentem despreparados para promover ação cultural na biblioteca. O autor explica que há poucas publicações sobre o assunto e a área necessita



de mais pesquisas e estudos. No entanto, nos últimos dez anos percebe-se um aumento no número de publicações sobre ação cultural bibliotecária. O que demonstra que o bibliotecário está mais interessado pelo assunto.

O bibliotecário que assume a função de animador cultural programa as atividades de animação cultural, tais como: exposições, cursos e outros eventos. O que em si não é negativo, porém esta prática não se caracteriza como sendo ação cultural (SILVA et al., 1999). Ação cultural para a autora não se limita a mostrar os bens culturais como na animação cultural, a ação possibilita a participação das pessoas na produção destes bens. O que a ação cultural faz é criar oportunidades para o espectador elaborar sua produção.

Quílez Simon (2008) apresenta algumas habilidades essenciais que os profissionais da informação precisam desenvolver caso desejem coordenar ações culturais:

- a) **Habilidades informáticas:** necessário para a elaboração de tabelas estatísticas, *folders*, cartazes; envio de correio eletrônico; realização de pesquisas na web; preparação de planilhas; edição de imagens; acrescenta-se a divulgação de eventos em redes sociais.
- b) **Habilidade de localização e uso da informação:** a pesquisa na web é fundamental. Toda atividade cultural na biblioteca precisa da apresentação de informação. Por isso, o bibliotecário precisa pesquisar quais são as obras e os sites que disponibilizam informação sobre aquilo que está sendo apresentado. Para o desenvolvimento da atividade cultural também precisa de conhecimento. O profissional da informação precisa saber ao menos o básico sobre o objeto da atividade cultural.
- c) **Conhecimento de procedimentos e tarefas instrumentais:** o bibliotecário não precisa dominar a montagem dos equipamentos da animação cultural, mas recomenda-se conhecer um pouco sobre os aparelhos. É preciso planejar, por exemplo, a iluminação do local, o som, a disposição das peças para a exposição. O autor orienta, se possível, contratar um profissional da área para a montagem da animação cultural.



- d) **Técnicas e ferramentas de gestão:** é preciso organizar as tarefas no planejamento da atividade cultural. O autor recomenda alguns programas de administração de projetos. É importante que o bibliotecário não centralize todas as tarefas e permita que outros profissionais da biblioteca participem na elaboração da atividade cultural. E também explore as habilidades de cada profissional. No entanto, normalmente não há disponibilidade de formar uma equipe.
- e) **Habilidade de competências de comunicação e difusão:** é necessário manter uma base de dados com contatos de interessados nos projetos culturais e possíveis parceiros. Além de se comunicar com órgãos públicos, associações, editoras. A divulgação das atividades culturais pode ser feita por meio de *folders*, cartazes. A mídia também pode auxiliar na divulgação. O autor recomenda o envio de e-mails. Atualmente as redes sociais são um excelente meio de divulgação.

Melo e Vieira (2012, p. 20) apresentam três características que o profissional da informação precisa para atuar como agente cultural:

- a) Cabe ao gestor cultural, buscar, gerenciar e implantar projetos culturais, e após sua implantação delegar tarefas e responsabilidades para sua melhor realização, além de ajudar na formação de agentes culturais;
- b) O agente cultural deve agir como um bom exemplo a ser seguido pelos demais, deve ser o que se envolve, participa de todas as etapas na realização dos projetos, o criador e a criatura, enfim, o que ocupa a função fundamental para a elaboração da ação.
- c) Cabe ainda ao gestor cultural a escolha do co-produtor cultural, pessoa competente que o irá auxiliar na busca por resultados das ações desenvolvidas pelos membros das



comunidades e instituições, é um coadjuvante na elaboração, mas não menos importante que o gestor.

Coordenar ações culturais não requer apenas conhecimento teórico. De acordo com Silva et al. (1999) é por meio das atividades práticas que o bibliotecário adquire novos conhecimentos e habilidades.

As habilidades desenvolvidas pelo profissional da informação dependem dos recursos disponíveis na biblioteca. Algumas unidades de informação podem realizar mais eventos, outras podem realizar poucas atividades culturais (QUÍLEZ SIMON, 2008).

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A raiz da palavra cultura é latina, significando o trabalho com a terra (colo = solo), “um trabalho de conquista”, que está sempre por ser feito, uma dinâmica, um ciclo. Enquanto processo, ação cultural é o fazer que admite o desfazer. É verdade que somos muito imediatistas, ansiamos por soluções rápidas, globais, revolucionárias, visíveis e até definitivas, mas o desfazer não invalida algo que se propõe a ser processual.

Outra consideração importante é que não se sabe realmente onde a ação cultural vai dar. O alcance é imprevisível e os resultados talvez só sejam sentidos dentro de alguns anos, quem sabe, décadas.

A ação cultural deve criar oportunidades para os indivíduos elaborarem suas produções e tirarem suas conclusões. No entanto, a realidade das bibliotecas públicas aponta para outra direção. Essas bibliotecas têm sob o título de ação cultural, atividades que simplesmente mostram os bens produzidos, não tendo, portanto, a finalidade da participação das pessoas na produção desses bens. Essas atividades também não criam oportunidades para os usuários elaborarem pensamentos críticos.

Profissionais bibliotecários capacitados e comprometidos com suas atividades ligam atitudes estratégicas para solucionar percalços que se avolumam à medida em que



## Artigos

se mantêm inalterados ao passar dos tempos, principalmente quando está em um meio que desfavorece a execução apropriada. No entanto, profissionais bibliotecários de talento ganham amplo crescimento quando inovam por meio de suas habilidades e competências.

Guimarães Rosa diz que se quisermos atravessar um rio a nado, de certo podemos, mas vamos sair – na outra margem – num ponto muito embaixo do que antes pensamos. Dizia ainda que viver é muito perigoso. Somente através da vivência é que se pode encarar ou tropeçar nos perigos, ou seja, é a tentativa que mostra as possibilidades e assim é o caminho da ação cultural.

Por mais pessimista que seja o diagnóstico da atuação dos bibliotecários no Brasil, vêm se multiplicando práticas novas que rompem com antigos modelos, e tem início um caminhar – ainda lento – que se move quase que exclusivamente pela criatividade e interesse de certos indivíduos. Todavia, alguns bibliotecários já estão enfrentando o perigo de atravessar o rio.

---

### **Cultural Action in Public Libraries: the librarian as agent transformer**

**Abstract:** Cultural action is a term with many different meanings, ranging from possession, control or power over certain individual objects, works or manufacturing, to represent concepts and meanings of social practices and worldviews. Cultural action presupposes the notion of culture as an ongoing process. This study aims to make a conceptual distinction between animation and cultural action, focusing on the librarian as a cultural agent and his preparation for the performance of the function by analyzing some obstacles inherent in this exercise, as the academic training and the lack of cultural experience. It also aims to present considerations of cultural action while dynamic work scope and results. To develop the study methodology used was a basic research with exploratory objectively from a literature review qualitative, inductive approach. It was concluded that, despite the challenges and academic deficiencies, the librarian has full capacity to become a transforming agent in her performance in public libraries.

**Keywords:** Cultural action. Public library. Librarian.



### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 31-38, 1987.

ALVES, Kilma et al. **Biblioteca pública: sua missão na sociedade informática**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005. 1 CD-ROM.

ARAGÃO, Esmeralda. **A biblioteca pública como instrumento de ação cultural: um estudo de caso sobre a experiência de extensão na biblioteca “Ernesto Simões Filho”**, Cachoeira-BA. 1988. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1988.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 39-45.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COELHO NETO, José. T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CUNHA, Vanda Angélica. **Profissional da informação na biblioteca pública contemporânea: o bibliotecário e a demanda por educação continuada**. 2002. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga: a favela e a biblioteca**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1998.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 139-284, set. 1983.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.



GADOTTI, Moacir. A pedagogia de Paulo Freire e o processo de democratização no Brasil: alguns aspectos da sua teoria, método e práxis. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA, 2001, San José. **Anais...** San José: Escuela de Formación Docente – Universidad de Costa Rica, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JACOB, Cristian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006. p. 9-17.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MELO, Priscilla; VIEIRA, Ronaldo. **O bibliotecário como agente cultural**. São Paulo: AGBOOK, 2012.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura**. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Luiza M. P. Ação cultural na biblioteca universitária: a experiência da biblioteca central da UFPe. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

QUÍLEZ SIMÓN, Pedro. La formación básica del gestor cultural en las bibliotecas públicas: conocimientos y competencias. In: HERNÁNDEZ, José Antonio Gómez; QUÍLEZ SIMÓN, Pedro (Coord.). **La biblioteca, espacio de cultura y participación**. Madrid: Anabad; Murcia: Consejería de Cultura, Juventud y Deportes, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira da et al. Biblioteca e ação cultural: apontamentos conceituais a partir da experiência na Universidade Federal de São Carlos. **Informação e Sociedade: Estudos**, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 79-86, 1999.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. 246 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.



### Informações do autor

#### **Josiel Machado Santos**

Bibliotecário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Campus Montes Claros Bacharel em Biblioteconomia pelo Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG). Especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho (UGF), em

**E-mail:** lordjosiel@yahoo.com.br



Artigo recebido em 05.12.2014 e aceito para publicação em 31.07.2015.